



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENAL
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

O correio de hoje trouxe-me um apelo de Assistente Social trabalhando num Centro Psiquiátrico em favor de «um rapaz epiléptico, de 14 anos, sem pai nem mãe, apenas com uma irmã que o não pode receber, o qual goza de saúde robusta e deseja trabalhar».

Ora eu tenho andado ocupado com um problema semelhante: Rapaz nosso cuja doença se revelou perto da tropa, que não pôde acabar em virtude dela e foi mandado embora com o rótulo de «capaz para angariar subsistência» e conseqüente obrigação de taxa militar.

Muito bem. Eu também concordo com a sua capacidade para angariar subsistência. Também o nosso Rapaz é robusto e quer trabalhar e constituir família. Mas quem dá a mão?

A respeito do seu mocinho, escreve a Assistente Social: «Antes de vir para aqui (o tal Centro de Saúde Mental), andava, como ele diz, a pedir trabalho nos montes; mas quando tinha um ataque era despedido».

A epilepsia é na verdade um mal terrível para o qual a medicina ainda não encontrou mais do que respostas atenuantes. Quando se trata do grande mal, o ataque é terrível para quem o sofre e algo também para quem lhe assiste. Compreende-se que as pessoas lhe fujam. Mas então que fazer aos epilépticos? Robustos, embora e desejosos de trabalhar, as suas possibilidades são limitadas por qualquer trabalho que constitua risco certo, no caso sempre previsto e sempre imprevisível de um ataque... Quando surge um trabalho compatível com esta limitação, as pessoas não os querem... — que fazer-lhes?

Pensando que o Serviço Nacional de Emprego era para

Continua na QUARTA página

PROBLEMAS SOCIAIS

Como notícia d'última hora, temos o prazer de informar os nossos leitores que a do Coliseu já não tarda. Em princípio está marcada para o dia 5 de Março, quinta-feira. Falta, portanto, cerca de mês e meio para a grande noite.

Bernardino — director artístico da Companhia — anda atarefadíssimo com o programa: texto e números musi-

cais. E, logo que possa (estamos na hora!), vira-se ao elenco.

FESTAS

Aquele trabalho já exige, não há dúvida, poder de concepção e apurado gosto artístico. Ora o escritório e a oficina de Tipografia, têm sido para ele um refúgio. Mais; os serviços técnicos de emissores da Invicta, utilíssimo apoio na planificação musical.

Os nossos Amigos do Porto que se preparam!... E os outros, de norte a sul, aguardem instruções que publicaremos oportunamente.

Júlio Mendes

Cantinho

DOS RAPAZES

A história repete-se e repete-se-á, com certeza, em todas as gerações.

O destinatário da carta que a seguir dou à estampa está conosco desde 1964. Ele é um irmãozito, do qual nem a carta faz menção. Decerto o pai se esqueceu, de tão pequenito ele era quando veio, de tão pequenito o terá visto a última vez, se porventura chegou a vê-lo...

Ambos andavam por lá. Foram pessoas da terra, doridas pela sorte daqueles dois pequenos, o mais velho dos quais era a mãe do outro, jeito que guardou ainda muito tempo depois de estar sob as nossas telhas — foram pessoas que de sangue nada tinham com eles, que no-los apresentaram e pediram que os recebéssemos.

De pai e de mãe não reza a história, senão que aquele fôra preso e esta se dera a uma vida sem regra. Do primeiro recomença agora a rezar, segundo a tal carta que aí vai:

«Muito istimo que esta minha carta te vá encontrar de saude na companhia dos teus superiores e culegas que eu mais a tua madrinha mais os teus irmãos ficamos bons graças adeus. F. tu velá o que é preciso para te tirar daí pois

eu não sabia que istavas aí pois se eu soubesse não istavas aí agora tu e eu não tivemos sorte com tua mãe mas ainda istá em tempo de tu seres um homem olha tu fala com os teus superiores que tu que vens para a minha companhia e vais trabalhar comigo. F. mandame dizer o que é preciso para eu te tirar daí para eu quando for aí mais a tua madrinha saber o que avemos de fazer e tu pedes aos teus superiores que vais comer com nôco se deus quiser de domingo que vem a oito mas se nós podémos vamos iantes quero que tu me icrevas na volta do correio. F. mandame dizer para aí se é a carreira que vai para Penafiel.

Com isto termino recebe um abraço deste teu pai e da tua madrinha muitos beijos e um abraço dos teus irmãos muitos beijos nós istamos anciosos que tu istejas junto de nós.

Adeus até á tua resposta.»

Se não fôra o sofrimento imerecido destes nossos dois rapazes: a fome curtida, o frio passado, o abandono a eles mesmos na companhia da velha

Continua na QUARTA página

Entre as frases feitas mais em voga, tantas vezes com sentido equívoco, ressalta a de «Igreja dos Pobres». Paradoxalmente, não raro, quem mais vezes fala em «pobreza», mais longe se situa do seu espírito. Apelar para o Concílio e para o que lá se disse ou não disse ou se aprovou, esconde ou ignora, com frequência, o que efectivamente se passou no Vaticano II, ao sabor de dialéctica de ocasião, de exibicionismo petulante ou de conveniências inconfessáveis. Viver como Pobre, à maneira evangélica, usando com desprendimento as coisas do mundo, que não só os bens materiais, lembrando-se que a redenção se realizou na pobreza e que todos devem tender voluntariamente para ela — isso é que há-de, ao fim e ao cabo, dar testemunho, numa linha de perfeita coerência entre o que se diz e o que se realiza.

Para lá de tantos exemplos, individuais ou colectivos, alguns já aqui focados, do verdadeiro e efectivo espírito de pobreza conciliar, queremos hoje referir dois. O primeiro é o da Igreja no Chile, que decidiu cortar todos os elos com o passado, alterando radicalmente o seu sistema financeiro, começando agora a liquidar os investimentos em títulos, acções e outros valores, após ter decidido em 1962 distribuir as suas terras pelos mais necessitados; o segundo diz respeito à reunião magna efectuada há pouco pela benemérita Companhia de Jesus em Espanha, onde, entre outras decisões importantes, avultam as seguintes: «O nosso serviço e missão apostólica devem realizar-se mais sinceramente e testemunhalmente em pobreza. Há que tornar mais real e palpável o nosso serviço à Igreja e ao Mundo, seguindo a Cristo pobre e crucificado.» Mais: «A Companhia deve dedicar-se especialmente ao mundo dos Pobres com as suas concreções humanas e pastorais». E ainda: «Pede-se que todas as províncias de facto se despojem depressa de alguns dos seus bens em serviço dos Pobres».



Os mais pequeninos do Tojal brincam, empurrando-se uns aos outros. Assim se aprende, a brincar, o que é a ajuda fraterna.

Ao congratularmo-nos com as decisões e projectos atrás enunciados, fazemos votos para que se tornem possíveis em Portugal atitudes do mesmo jaez. Salvaguardando a liberdade de Quem pode decidir nestas matérias, expor esta

Continua na QUARTA página

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O QUE RECEBEMOS — Abrimos com 20\$00 da R. Pedro Nunes — Rio Tinto, para o Natal. Mais 100\$00 de Alice, com o mesmo fim. E outros 100\$00 da assinante 5308, de Vizela. E mais 200\$00, de Vouzela. E mais 40\$00 da assinante 7475. O mesmo da 17022. Mais 50\$00 da R. Nau Trindade — Porto. Içem da assinante 28818. Mais 200\$00 de «Uma Mãe». E 250\$00 da Conferência Feminina de Baltar. Que saboroso donativo! Não falando, já, da sua rentabilidade material e espiritual — a nível vicentino. Outros 20\$00 de «uma velha Amiga». E mais 100\$00 de Gaia. E 300\$00 solicitando «um Pai Nosso por alma de Maria Cândida». Sufrágio de um viúvo cristão — e muito nosso amigo. Mais 400\$00 de uma Mãe que, espiritualmente, é mãe de todos nós. E nova remessa da assinante 17022. Finalmente, «20\$00 para a colecta da reunião e umas leituras espirituais que na minha Conferência se liam e que eu tenho pena que se percam. Pieguices duma velha vicentina. Que Deus os abençoe». Quando se vivem os mesmos problemas e se fala a mesma língua, não se perde a Juventude de Espírito — e até reconhecemos, com razão ou sem ela, as nossas pieguices! Aqui está um depoimento válido para a hora presente.

× × ×

O que vai atrás era para ter saído em edições anteriores. Mas a falta de espaço... Vamos a ver se conseguimos fazer nova síntese do movimento:

No Espelho da Moda, 500\$00 de «uma Mãe». Mais 20\$00 do Porto, pela mão da «Viúva do Porteiro». Sabe-me tão bem vê-la por aqui! Mais 200\$00 de S. Paulo — Brasil. E 150\$00 de Carcavelos. E 200\$00 da Av. Antunes Guimarães — Porto. E 50\$00 de Ois da Ribeira. E o dobro de «Nulidade». A grandeza dos Homens está na sua Humildade. Em mais nada. Mais 50\$00 de S. Mamede de Infesta. Mais 30\$00 da assinante 17740. E mais 50\$00 da mesma! Mais 100\$00 da Estrada de Damaia — Lisboa. Para evitar confusões tenha a bondade de enviar directamente à nossa Conferência. Entendido? Outros 50\$00 de Cabeceiras de Basto. E o mesmo de Lina, do Porto. Continui! E mais 200\$00 de «Uma Alentejana», no Porto. Quem dera que outras alentejanas sigam os seus passos! Mais 350\$00 de uma farmácia de Coimbra. Um muito obrigado dos meus filhos... Mais 20\$00 do Porto. E de novo o Porto com 30\$00, pela mão do assinante 10159. Viva a cidade do Porto!! Mais 10\$00 do assinante 25517. E dez vezes mais de Vila Real, de Trás-os-Montes. E 150\$00 da assinante 31751. E 20\$00 de Maria Emília, de algures. Agora, prestemos atenção a Vizela: «Como Deus ultimamente me tem ajudado bastante, eu quero repartir com os Pobres estes benefícios, não esperando pela data de Junho para a qual ainda faltam muitos dias; mesmo, porque, com 83 anos que tenho, não devo deixar para amanhã (Junho) o que devo fazer hoje (agora). Esta dádiva (100\$00) vai também em nome de minha Esposa pois, sendo casado com comunhão de bens, entendo repartir com ela os bens espirituais.»

No Matrimónio Cristão é assim; melhor, deve ser assim.

Mais 50\$00 de Torres Novas. E nova paragem no Entroncamento, com 300\$00:

«Recebi este presente pelo dia dos meus anos para comprar um objecto pessoal. Destinei-o a uma carteira. Depois, pensei melhor e ocorreu-me que nenhum presente seria tão precioso para mim como saber que havia três famílias com uma Consoada abundante, feliz e alegre. Se melhor pensei melhor o fiz e aqui vai o meu presente destinado a esse fim. Maria D...»

Quantas vidas, diariamente, seriam menos tristes e miseráveis se nos despojássemos assim! E sem heroísmos extraordinários...

Não podíamos terminar melhor, nesta época natalícia! É um excerto duma carta de «velho» Amigo do Porto:

«...que a palavra promoção, hoje tão em voga, seja em vós a âncora duma grandeza espiritual, moral, intelectual e profissional que vos permita servir melhor a Deus e aos nossos irmãos... Mas que ela nunca tome o aspecto de insubordinação, duma contestação que mais se assemelha à rebeldia de Lucifer... a que dilacera a Santa Igreja e faz o martírio do Santo Padre!...»

Dê cá a sua mão! E peçamos ao Senhor humildade. Humildade é a verdade — e não insubordinação ou contestação. Estamos de acordo.

Júlio Mendes

CALVÁRIO

Se fosse sempre assim... — Ao recordar para vós, queridos amigos, o que foi o nosso Natal, invade-nos uma alegria fora do comum. Razões teremos de sobra para isso, nessa noite, em que os anjos anunciaram aos pastores ser uma noite bendita por trazer aos homens de boa vontade o início de uma nova era para os homens amantes da verdadeira paz. Os nossos sentidos comungaram, no Natal de 1969, essa mensagem, com calor e simplicidade. Pois foi isso o que o Mestre nos deu a entender com o Seu nascimento carnal. Se hoje se prega a fraternidade com veemência para todos nós não foi necessário termos essa recomendação. Espontaneamente os nossos corações aderiram. Porque não havendo preparação de qualquer espécie, cedo se tornou visível em todos o desejo de ser a Noite de Natal fraterna e franca. Quando nos lembramos dos preparativos que se fizeram por esse mundo cristão ficamos pensando o que seriam... Ora, nós, libertos de tudo isso, fizemos a festa à nossa maneira. Apesar da falta de preparação para os «actores» e de instrumentos... os números tiveram o agrado geral. E tão grande era a disposição alegre e franca, que se chegou a dizer: «Nesta noite ninguém vai para a cama!» É verdade que nem uma só pessoa foi vista a dormir, embora estivessem crianças e velhos!

Ora, tudo isto foi passado no nosso salão de festas do Calvário que para tal apresentava uma configuração diferente. Isto de modo a tornar o calor, tanto da lareira como dos corações, mais acolhedores! E na verdade tudo contribuiu. Desde os rapazes com o «Bolachinha», Bernardo, César, etc. até à sr.ª Antónia, sr.ª Virgínia (com a sua veia poética) até ao António H. e sr. P. e Abraão, embora pesasse a sua fraça voz!

Na passagem do ano foi igual a boa disposição e fraternidade. Cá fora desse ambiente havia

frio e chuva que gelava... — Mas os nossos corpos e almas saborearam calor...

Manuel Simões

Lar do Porto

Foi há quinze dias que, reunidos no escritório do Sr. P. e Carlos, demos começo, pelas seis horas, a mais uma nossa reunião, onde as bocas não se calaram senão às sete e trinta, quando a sineta tocou para o Terço.

Falámos de tudo um pouco, e a sobremesa veio no fim, sorridente, mas também picante em parte. As notas não nos permitem pôr a barriga ao léu, porém, também não entristecem, visto não ter havido mais que três ou quatro bicicletas. Depois das notas falou-se da Conferência. Não chorámos porque era escusado; mas entristecemos-nos!...

Tivemos o trabalho de enviar cartas a várias casas da cidade, mas isso não conta.

Fomos pessoalmente atrás da resposta ao pedido, porém, isso não nos aflige. O que se faz a favor dos outros, tem simplesmente valor na felicidade que esse carinhoso trabalho pode trazer; por isso, agradecemos a:

Silva & Neto Suçr. 100\$00; Dro-garia Moura, 10\$00; Sical, 20\$00; Costa & Braga, 7\$50; Emília Azevedo, 50\$00; Casa Janota, 12\$50; Jorge Lima, 400\$00; Manuel Antunes, 50\$00; Casa Brito, 40\$00; Sapataria Branca de Neve, 20\$00; C. de Seguros Argus, 10\$00; Justino Moura, 20\$00; A.M. da Rocha Brito, 20\$00; Diogo Barbot, 10\$00; Electrovisão, 20\$00; F. Fernandes Guimarães, 50\$00; Rádio Importador, 20\$00; S. Portuguesa de Arliquido, 40\$00; Banco Fonseca & Burnay, 40\$00; Banco de Angola, 500\$00; C. Franco Português, 20\$00; Banco E. Santo, 100\$00; C. Merin (Porto), 20\$00; Liv. Católica, 20\$00; Sociedade de Cristais 20\$00; Porto Editora, 20\$00; José Ferreira Botelho, 100\$00; Casa S. José, 20\$00; Casa Sanches, 20\$00; Shell Portuguesa, 200\$00; Casa Africana, 10\$00; Banco Pinto de Magalhães, 200\$00; Confecções Nobreza, 20\$00; Hidro-Eléctrica do Douro, 100\$00; Banco Totta-Açores, 100\$00; e Bazar de Londres, 20\$00.

A todos o nosso muito obrigado.

Raimundo

TOJAL

Nova casa-mãe — O refeitório está quase pronto. A Ceia de Cristo e a foto de Pai Américo, em azulejos, já estão no seu lugar. Já temos a maior parte dos guardanapos para as 25 mesas de 1 metro de diâmetro e 6 lugares cada; mas ainda precisamos de alguns.

Escolas — Os resultados do 1.º período, sem serem de todo desanimadores, não foram, contudo, muito brilhantes. Espera-se melhor no 2.º período.

Trabalhos agrícolas — Têm decorrido com dificuldade devido ao tempo inclemente que tem corrido. As sementeiras, no entanto, estão todas feitas.

Animais — Nasceram mais duas vitelhinhas

As porcas tiveram duas ninhadas, ambas de nove porquinhos. Porém, por falta de cuidado dos tratadores de uma só ficou um leitão.

Temos comido patos, galinhas, coelhos e ovos da nossa quinta.

Recomendações — Como o tempo está muito chuvoso e há muitos rapazes que andam por fora, temos necessidade de guarda-chuvas. Se houver nas vossas casas bibes dos vossos filhos, que já não estejam em uso, lembro-vos que há aqui muitos pequenos.

Natal — Correu bem. À meia-noite houve Missa. Para todos houve

uma prenda, conforme a sua idade. Foi um dia feliz.

Passagem de Ano — Houve fogo e bombas. Depois tivemos cacau e bolos.

Votos — As maiores felicidades para todos os nossos leitores em 1970.

Xavier



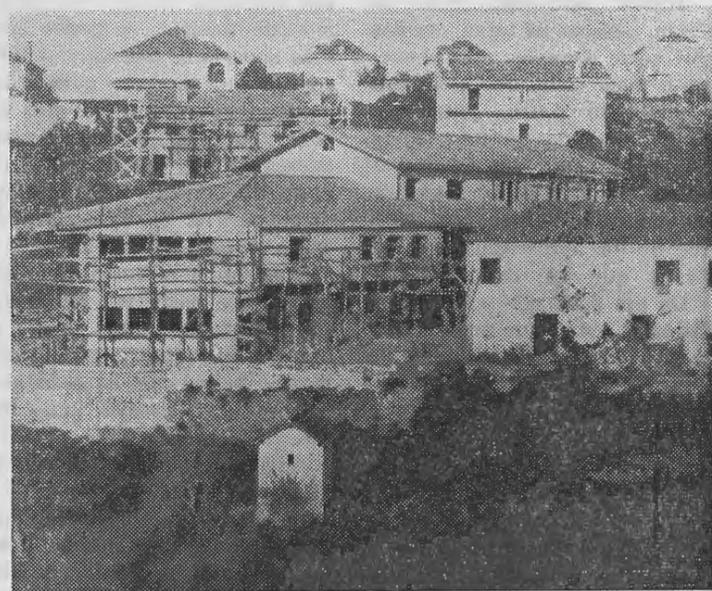
Auto-Construção

Se muitos jovens, de hoje, quiserem, muitas famílias, de amanhã, viverão em suas casas. Há que acreditar. O crente está mais e melhor habituado a construir. A fé edifica. O dia de amanhã dependerá muito da crença ou do cepticismo do momento presente. Ainda que pareça um paradoxo, a verdade é que só acredita quem vê. Porque acreditamos em Deus? Porque vemos Deus. Deixemos passar esta aparente contradição: Só acredita quem vê. Só acreditaremos em Auto-Construção, quando virmos Auto-Construção. Não será a propaganda, não será o apoio particular ou oficial, não serão os meios, não será a generosidade nem a injustiça em julgarem o movimento que, ao fim e ao cabo, surtirão os efeitos esperados. Se virem casas feitas por Auto-Construção, acreditarão em Auto-Construção; se não virem, não acreditarão. Pois se o próprio Mestre fez a vontade a S. Tomé... O ensino não se pode separar da vida; a acção tem de acompanhar, de perto, o pensamento. No nosso caso, Auto-Construção tem de mentalizar e, ao mesmo tempo, de realizar, de mostrar viável o pensamento, a doutrina. Saibamos dividir o tempo, as energias, as disponibilidades e o dinheiro neste sentido. Em Auto-Construção, um facto, um grupo de casas ocupadas por um grupo de Auto-Construtores

res valerá muito mais que um discurso, uma conferência, um congresso. Logicamente só faríamos um congresso quando, no país, houvesse milhares de Auto-Construtores, milhares de casas por eles construídas. A juventude de Portugal não é permitido fechar os olhos, seja por comodismo ou por qualquer outra razão, a este facto: Se muitos jovens, de hoje, quisessem, muitas famílias, de amanhã, viveriam em suas casas. Há que dar bom exemplo. Há que agir com persistência, lutando por tornar palpável, eloquente, o movimento de Auto-Construção. O mundo tem que ver as boas obras dos cristãos. Verem as boas obras para glorificarem o Pai. Quando as boas obras dos cristãos forem grandes nunca ficarão debaixo do alqueire. Será impossível. O dia de amanhã dependerá, em boa parte, do dia de hoje. Os exemplos arrastarão hoje ainda mais do que ontem. Auto-Construção em marcha, embora lenta, mas decidida, é, de sua natureza, um movimento público, de carácter permanente. Casas feitas serão casas que permanecerão dezenas, centenas de anos. Serão uma voz a ouvir-se a longo prazo. Serão uma voz que ninguém fará calar.

(Toda a correspondência para Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca



Outra perspectiva do nosso Lar de Coimbra. À direita, a casa velha; à esquerda, o novo prédio, ainda revestido de pranchas — aguarda o vosso dar de mãos.



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, RELOJ RAPAZES

Nos arraiais da «Campanha» não esmorece o entusiasmo! Todos os dias chegam notícias saborosas. Mesmo dos que, vergados pelas circunstâncias, choram a magreza ou ineficácia do seu trabalho.

Digno de registo o monte de correspondência que permanece à nossa frente e o aumento de trabalho com novas inscrições. Até hoje, segundo o Avelino, mais de 700! O mais importante, porém, — e labareda que incendia — é a disposição d'alma de todos e cada um dos correspondentes. Aqui o valor da «Campanha». Até como resposta concreta a um desabafo de Athenágoras — repetido por Pai Américo e desde sempre no «Famoso» — que ontem me cafu nos olhos, pela pena de Robert Serrou: «O que falta mais aos homens de Igreja é o Espírito de Cristo, a humildade, a abdicação de si próprios, o acolhimento desinteressado e a capacidade de descobrir o que há de melhor noutro homem...» Tema de meditação? Sim. Mas, também, de acção. E como não viveis anquilosados, em falta, correspondeis; com a mesma força, e Força imutável. Já que a perenidade do Verbo, do Verbo incarnado, sofrido — na pessoa dos Pobres — é a juventude de Espírito do «Famoso». E dos seus leitores.

● NADA DE DESÂNIMOS!

A longa procição, de que só

CAMPANHA DE ASSINATURAS

podemos dar uma pálida imagem — por via do minguado espaço de «O Gaiato» — abre com nova e vibrante carta do Tramagal:

«Continuando a Campanha para novas assinaturas, junto os nomes e endereços de mais 25 novos assinantes.

«Fiquei aborrecido em saber que alguns, que enviei em Outubro passado, tinham devolvido o Jornal.

«Quanto ao assinante de A., já lhe falei e nada foi possível por enquanto, chegando a propor-lhe que lhe pagava eu o primeiro ano de assinatura.

«Quanto aos de C. P., só poderei saber alguma coisa daqui por duas semanas, quando estiver a trabalhar naquela região.

«Mas nada de desânimos! E vamos ao que importa.

«Destes 25 que agora envio tenho a certeza que nenhum irá devolver, pois falei-lhes nesse sentido.

«Ainda mais: a todos frizei que desejava bons leitores e

não simples assinantes só para pagar assinaturas.

«Estou convencido que qualquer assinante que leia «O Gaiato» fica a amar a vossa Obra. E se amar verdadeiramente terá força de falar de vós e de vossas coisas.

«É assim que tenho feito; a todos falo da vossa Obra e das vossas coisas.

«O impresso que juntaram ao Jornal para recolha de assinaturas, fiz entrega dele a uma nova assinante de Cebralais, para também começar já a trabalhar nesta santa cruzada. Não seria possível enviar-me alguns desses impressos para mim e para entregar a outros? Não seria também possível enviar-me alguns números de «O Gaiato», mesmo já antigos, para servirem de aperitivo?

«Queira desculpar a maneira como esta vai escrita e até as emendas no número dos novos assinantes. Mas já depois desta estar escrita ainda arranjei mais três».

Satisfeitíssimos pelo seu cui-

gado — a todos frizei que desejava bons leitores e não simples assinantes só para pagar assinaturas. Assim vale a pena. De contrário, não.

● REGIÃO DESPOVOADA

Continuemos o diálogo, com notícias de Vila Fernando:

«Tenho imensa pena de não poder colaborar na «Campanha de assinaturas», mas é inteiramente impossível, pois esta região está quase despovoada e os poucos que ficaram são pessoas de avançada idade, quase todos analfabetos e que por estas razões não querem ser assinantes.»

Este quadro é uma acusação. E inevitável — se os potentados continuarem de mãos livres, cingindo as suas (deles) obras de fomento só às cercanias das grandes urbes. E, claro, se não houver quem lhes puxe a corda, mentalizando-os, com eficácia, a compreender o Portugal desconhecido pelo interior do país; em suma, abrir-lhes os olhos para o esforço ingente de Justiça Social — que não admite compartimentos estanques.

● BOAS NOTÍCIAS DA ALEMANHA

No entanto, muitos a quem a Pátria fôra madrasta, não a esquecem lá fora. Passaram já pela nossa mão boas notícias da Alemanha. Aqui vai outra, de MESCHÉDE:

«É com satisfação que vos envio estes novos assinantes (4) que já não fiz há mais tempo porque a vida passada dentro duma fábrica é por vezes difícil; e se um dia encontramos os conhecidos, há muitos que não os vemos — horários diferentes e sempre a pressa que todos têm em ir embora descansar.

«Um deles é já vosso amigo... O outro que mal tinha ouvido falar na vossa Obra era quem eu mais desejava conseguir como assinante, com a esperança que consiga colher, com a leitura de «O Gaiato», «aquilo» que também eu colhi.

«Devem também receber uma nova assinante de Nova York... «Por minha vontade mandaria mais, mas é assunto em que pouco conta a minha vontade.»

Mas conta! Di-lo o resultado do seu trabalho. E, não há dú-

vida, aqui está o grande mistério da Fé — e da Salvação... Que Deus a ajude na sua caminhada! Entretanto, aguardamos mais notícias.

● PRESENÇA DO ULTRAMAR

Com o decorrer dos dias engrossa a presença do Ultramar. E só pelo que chega directamente a Paço de Sousa! É certo que os nossos Padres d'África não tardam, com certeza, a despachar para cá listas pendentes d'Angola e Moçambique.

Entre o monte de presenças notamos uma lista cheia da Beira, com talões de depósitos bancários. Um por cada inscrição! A Beira distingue-se sempre nestas andanças; sem desprimor para as restantes terras portuguesas do Indico. É coisa dos seus pergaminhos! Parabéns D. Glória. E não fique só por aqui!

Passaram por nossas mãos mais séries de Lourenço Marques, Luanda e Nova Lisboa, etc..

● PAULISTAS PORTUGUESES

O nosso Teixeira, ao serviço de um banco em S. Paulo — Brasil, não adormece! E vem por aí fora com um rol de novos assinantes. São doze paulistas portugueses — com massa adiada. Isto é que é perfeição! Aqui vai um xi de nós todos! E continua. Mas cuidado! Não ofusque teu entusiasmo um esclarecimento necessário: o «Famoso» tem mensagem... Entendido?

Júlio Mendes

★ TRIBUNA de Coimbra ★

Há momentos pessoa amiga perguntou-me na Baixa se o nosso Natal foi bom. Respondi que a melhor prenda deste ano foi a Primeira Comunhão de 22 filhos. O entusiasmo com que se prepararam desde Agosto, a alegria estampada nos olhos de cada um, o ambiente espiritual que procurámos criar-lhes, os abraços e beijos que lhes demos: Foi tudo uma grande prenda de Natal.

Agora, juntinho aos pedreiros e ladrilhadores, ouvindo modinhas cantadas e assobiadas enquanto vão acabando de massa a sala de jogos, pego na agenda e vou recordando presenças e presentes desde Agosto. Estou sentado na varanda voltado a nascente e vejo um panorama banhado de sol nesta tarde de inverno. Tenho dado voltas com o bloco de facturas na pasta a ver se conseguimos pôr contas em dia. Eu tenho muito medo dos atrasos. Tenho esperado todos os dias com certa ansiedade a chegada do correio. Tenho frequentado mais a Igreja de Santa Cruz e a casa do Castelo. Tenho sido mais assíduo às chamadas do telefone. É Natal. É fim do ano. É Ano Novo.

Vários vales de correio de Vilar Formoso; vale do Creado; vale da Quinta do Cedro; cartas de amigos antigos das Caldas da Rainha; vale de dois de Viseu; vales da Figueira da Foz; do Porto, cem do primeiro ordenado da filha; cem da amiga de Medelim; cem e mais vinte de Leiria a pedir missas; oitenta e mais cem do Entroncamento, que colocámos no Altar; vários duzentos de Miranda; 1.100\$00 no fim do almoço na benção da casa de bom amigo; vinte dum funcionário da Câmara da Lousã; quinhentos que um conterrâneo nos deixou.

A visita e os mimos de casal muito Amigo de Leiria; cheque de mil e vale de correio de seiscentos dum nosso em Tete; cem doutro em Buarcos; duzentos e a visita de casal de Viseu; cem em cheque do Porto e um cartão — «Fale sempre; Deus o ouvirá. É pena o que alguns ricaços esbanjam.» Se não acreditasse que Deus me ouvirá, já há muito me tinha calado. Cinquenta de Deolinda de Lisboa; duzentos de Grândola; «são só 100» de Lisboa; a visita e roupas do Bombaral; cem da S. N. de Sabões;

duzentos da Farmácia Normal de Lisboa; quinhentos do Grémio do Arroz; um cheque «anónimo» para pagar as cantarias. Fiquei com coragem para encomendar a escada, confiado que apareça outro «anónimo» assim valente. Cem dos Olivais-Sul; quinhentos de Lisboa, dum conimbricense; quinhentos de alguém que leu o «Comércio do Porto»; 150\$ que alguém de Leiria entregou na Beira a um vendedor.

Coimbra não nos abandonou. Há o grupo de sempre. Grupo de anónimos que nos procura, que vai à Casa do Castelo, que entra em Santa Cruz, que frequenta a Sé Nova, que nos vem ver, que vai visitar as obras, que telefona, que manda pelo correio — Grupo que não cansa. Tudo gente pobre e remediada. Os ricos não nos entendem, não nos acreditam. Quantas vezes se desculpam com suas obrinhas que não chegam a ser obras!

Roupas usadas, mercearia, retalhos, mimos de comer, facturas pagas, «tome lá para os seus Pobres», «isto é para os meninos», «hoje tem pouca sorte», «rezem por uma intenção», «celebre uma missa», «peço uma Avé Maria», «é para uma telha».

Fábricas Triunfo, Auto-Industrial; S. de Curtumes, as amiguitas, grupos de cursistas, sacerdotes, muitas passagens anónimas, turmas da Escola Comercial, grupos visitantes. Boas Festas e Bom Ano para todos.

Padre Horácio



FILHA DO ZÉ GOMES.





Todos aqueles que nos fazem encomendas, embora não gostem que publiquemos seus nomes no jornal, gostam porém de ver o nosso cantinho no «Famoso». Muitos são os que estranham a longa ausência. Obrigada por este interesse, sinal de que a Obra lhes agrada. A falta de notícias é, simplesmente, a falta de espaço no jornal. O Júlio vê-se às aranhas com tantas notícias.

A dívida da casa que mandei arranjar já está paga graças à generosidade de um anónimo, que depositou 2.000\$ no Espelho da Moda, para este fim. Bem haja. Foi o que valeu, pois ninguém mais se apresentou. Por isso a mãe de 70 anos e a filha de 40, tuberculosa, estão agasalhadas do rigor do inverno. Agora trago o conserto de uma em mente, mas esta atira a uma despesa muito maior. No entanto, se as vossas ajudas vierem, tudo é fácil.

O ano que acabou não foi muito bom para quem aqui trabalha. As tecedeiras dos chales pouco fizeram. Quanto a malhas fizemos muitas, pagou-se a quem as fez, empa-

tou-se dinheiro durante o ano, e temos tantas ainda em lote. Nunca é tarde para se dar um presente e há tanta criança a tiritar de frio. Por isso mãos à obra, e peçam-nos as camisolas. Ao Senhor de Lisboa que se assina «Bem haja», que nos manda todos os meses 200\$00 para os agasalhos do Calvário, participo que já foram 3 encomendas perfazendo o seu dinheiro. Foram trabalhos para várias terras do País, mas Lisboa continua à frente. Agradecemos a todos que nos ajudaram ao longo do ano, e desejamos-lhes que este que começou lhes traga muitas venturas e a Paz do Senhor.

Como entraram novos assinantes, para estes, aqui vai o nosso endereço: Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro, tel. 95142.

Maria Augusta

Problemas Sociais

Cont. da PRIMEIRA página

as dificuldades, desta vez fui eu a abordar a Assistente Social por môr do meu Rapaz. Que não, que os Serviços não se

ocupam destes casos. Então — que fazer? Neste momento uma perspectiva de esperança abriu-me o Secretariado de Acção Social das Conferências Vicentinas. Vamos a ver...

E no entanto o meu Rapaz é válido. Tirando a limitação acima mencionada e a inconveniência de contacto com o público — de quantes trabalhos de «bastidores» não será ele capaz; sujeito apenas à interrupção de uns minutos se a crise surgir e à caridade de quem, ainda menos minutos, lhe prestar assistência!

Mas onde a consciência dos outros que assim mentalize o comum dos homens a aceitar as limitações dos seus irmãos e a dar-lhes a mão, permitindo-lhes uma vida válida para eles mesmos e para a sociedade, como se já lhes não bastara o seu mal?!

A nossa sociedade, em geral, é terrivelmente muda quando a interpelamos em favor de um diminuído. São raros os que escutam e têm voz para responder.

Assim como hei-de dizer à minha correspondente a resposta que ela queria ouvir e eu lhe queria dar, resposta que seria uma oportunidade feliz para o seu pequeno «sem pai nem mãe, de saúde robusta e desejoso de trabalhar»?!

Visado pela

Comissão de Censura

Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

opinião não deve ser tomado à conta de demagogia, mesmo tendo em conta o condicionamento próprio do meio em que vivemos. Urge confiar à generosidade dos fiéis a manutenção das igrejas, dos estabelecimentos e das escolas e das actividades religiosas. Para isso há que educar os cristãos e só

Padre Luís



«Se cada português soubesse cumprir bem os seus deveres, tudo se tornaria mais fácil», dizia o articulista dum semanário lisboeta a propósito da burocracia no caso do histórico processo judicial do cemitério do Calvário.

Esta pertinente afirmação me apeteceu repetir a determinado funcionário camarário que me tem complicado a vida por mor duma ridícula reforma que recebe uma das nossas doentinhas. Como viúva de funcionário camarário foi-lhe atribuída a pensão de 126\$00 mensais. Para a receber teria, se o pudesse fazer, de se deslocar a certa cidade distante cerca de 50 km., que representaria, para além de um dia perdido, despesas de viagem mais a alimentação. Como ela não pode lá ir e nós só raramente nos deslocamos a essa cidade acumulamos uns meses de recebimentos. Assim, em data que nos foi indicada, lá mandámos receber. «Que não podiam pagar, pois, faltava um atestado de residência. Que fôssemos com ele e os recibos no dia x». Unidos com o atestado lá se foi no dia marcado. «Que não podiam pagar porque era preciso um requerimento em papel selado e assinatura reconhecida no notário a pedir o pagamento das pensões em atraso, e que lá voltássemos tal dia». Não concordando com esta exigência, que me parecia burocratise, resolvi ir eu próprio tratar do assunto. Fui no dia marcado e, mais uma vez, não me foram pagas as pensões. Concordeu comigo o snr. funcionário não ser necessário o tal requerimento, mas que só autorizaria o pagamento se, no atestado de residência, fôsse

declarado que a pensionista não tinha voltado a casar e que estava viva. Aleguei que estava escrito no respectivo atestado que ela era viúva e que não me consta ser normal nem legal passar atestados de residência a pessoas já falecidas. Calmo, muito calmo, e senhor do seu papel me diz com autoridade: «O snr. P.e pode ter muita lógica e razão, mas eu exijo que neste atestado o Presidente da Junta anote que a pessoa está viva.» Perante mais a idade que a competência profissional, limitei-me a perguntar-lhe se depois daquela exigência ele pagaria de facto as pensões ou se ainda iria exigir mais alguma burocratise. Disse que não exigia mais nada a não ser que o selo branco, a pôr sobre a nota do atestado, ficasse bem visível. Ainda lá não voltei ou mandei porque o dia marcado não chegou. Chegará e serão mais cerca de 100 km. ida e volta, a juntar aos 300 já andados, tempo e muita paciência para aturar estes senhores que não sabem ou não querem saber das dificuldades dos a quem servem nem dos prejuízos que lhes causam. Não sei se será desta que a mísera pensão, a que não descontamos as despesas, pois ficaria reduzida a quase metade, será realmente paga...

Razão tinha, pois, o citado articulista e mais razão tem o Sr. Presidente do Conselho em dizer que é preciso ter bons funcionários, mas que para isso lhes é preciso pagar bem. Sim; concordamos que se pague bem, para bem sermos servidos. Ao fim e ao cabo pouparemos mais.

Padre Abraão

Cont. da PRIMEIRA página

avó materna com quem partilhavam o casebre, que o pão de cada dia tinham eles de mendigá-lo — esta carta saber-nos-ia a anedota. Então perde-se um filho como se fôra qualquer objecto de uso de pouca importância?! Durante seis ou sete anos não se faz qualquer diligência por reencontrá-lo, e agora que «eu não sabia que estavas aí, pois se eu soubesse não estavas aí» — então onde estava? — «vê lá o que é preciso para eu te tirar daí?!»

A avó já não existe. Da mãe nada mais se soube. Do pai só agora. Onde haviam eles de estar?

Felizmente que todos temos um Pai que não nos foge nem nos perde de vista. Ele sempre providencia em nosso favor. E por este ou aquele modo, faz chegar a cada um dos Seus filhos o pão e o carinho que os pais carnis lhe não deram. É Ele, não é mais ninguém,

Cantinho DOS RAPAZES

que move o coração de alguns e lhes dá força e perseverança para suprirem as falhas da natureza.

«Eu e tu não tivemos sorte com a tua mãe...» — é verdade! Tanta como também não ter ele tido sorte com o pai! «Mas ainda está em tempo de tu seres um homem...» — não haja dúvida! Era mesmo à espera do pai... e da «madrinha» que ele estava para vir a sê-lo!!!

Porém, a razão verdadeira da procura e da alegria no achamento, aparece agora: «Tu vens para a minha companhia e vais trabalhar junto comigo».

Uns dias depois tornou a escrever, sem muitos conside-

randos de ordem afectiva. Ataca depressa o essencial.

«F. eu já falei com o meu encarregado e contei-lhe que tu que istavas aí e queria trazerte para a minha companhia e ele disse que viesses que te dava trabalho porção o problema é tirarte daí.»

E quando da visita anunciada, conta-me o rapaz (Ele ainda não fez a 4.ª classe) que o pai lhe dissera: — O que é preciso é saberes ler e escrever; o trabalho sempre se arranja.

Isso arranjará com certeza... E sempre seriam mais vinte ou trinta escudos por dia para melhor tempero da sopa que a «madrinha» faz... e é de presumir que espere em amorosas ansias servir ao «afilhado» prometido!!

Para já o nosso homem está firme. Deus o confirme pelo tempo em fora. E que ele (e muitos como ele) dispensem já agora (aos 17 e mais anos!) os desvelos paternos que lhes teriam sido preciosos aos 5, aos 10, aos 12 anos, quando o F., sem nunca os ter experimentado, veio ser da nossa Família.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE